

Rio de Janeiro, 09 de março de 2016.

Andrêas, meu amor.

Faço agora um longo suspiro.

Difícil começar essa carta... difícil abraçar as palavras que querem se ocupar de você, do que você é para mim, do que você move em mim.

É tão imenso. Isso de cuidar um do outro, de estar sempre por perto, de ser porto seguro e faísca sempre acesa. Assopramos e ardemos juntos. Que difícil e que imenso isso.

Vou ter que parar por aqui.

Voltei.

Tive que descer do prédio em direção à rua para caminhar um pouco. Fiquei vagando por Vila Isabel conversando com você em pensamento e fui me acalmando aos pouquinhos, na medida em que me dava conta das pequenas-grandes coisas que te trazem para perto de mim, pequenas-grandes coisas que dão forma ao que você movimenta em mim.

Vi passar uma formiga carregando folhas verdes nas costas, senti o vento no rosto, me lembrei do seu andar disperso, despretenso e ri sozinha. Pensei em você quando vi crianças nadando na piscina de um colégio, avistei árvores de troncos robustos, pisei em folhas secas espalhadas pelo chão e o mais impressionante, vi um jabuti andando no quintal de uma casa. Sim! Um jabuti!! Ele mora na rua Torres Homem e parece estar faminto. Te apresento a ele qualquer dia desses.

Nessa caminhada sem rumo certo, refiz sem querer, alguns caminhos pelos quais passamos juntos aqui pelo bairro quando performamos as Figuras da Carnavalesca e da GUARDyÃ. Passei pelo dono do bar, aquele que ficou impressionado com a Carnavalesca e pediu para a gente aparecer no bar dele para fazer “coisas legais” como aquelas.

Nesses anos caminhando juntos, você tem acompanhado mudanças radicais a nível micro e macro em minha forma de enxergar a mim mesma e ao mundo. Você acompanhou todo o meu envolvimento e apaixonamento pela arte da performance, viu e ajudou a nascer uma série de Figuras (Besta, Carnavalesca, Vândala, GUARDyÃ), Figuras estas que hoje compõem a minha subjetividade e permanecem me auxiliando no trato com o horror que a vida, às vezes, me apresenta. Você acompanhou todo o processo de construção do programa performativo FIGURAÇA, me viu mudar de Figura a cada dois meses durante um ano inteiro! Passou alegrias e tristezas comigo vestida e travestida de diversas identidades: “garçonete”, “mulher-macho”, “cobradora”, “piriguete”, “caminhoneira” e agora, depois de quase dois anos morando juntos, você topa encarar essa “residência artística” que criei para mim mesma onde estarei durante os meses de fevereiro, março e abril deste ano, finalizando a última etapa do meu mestrado.

Nesse processo de mudança de casa e de vida que se agudizou em janeiro, peço demissão da escola em que dava aulas de teatro, dispenso o dinheiro que recebia dos meus pais, sou plenamente acolhida pelo Diogo na casa em que ele mora em Vila Isabel (e que é também a sede da nossa companhia de teatro), para enfim, poder restar sozinha e enfrentar o buraco que cavei nesses dois anos de muito estudo, muita performance e muita transformação.

E aqui estou, aqui estamos como no dia de hoje, você lá e eu cá, encarando o vazio que é estar na companhia de nós mesmos, ainda que preenchidos pela amizade e o amor que nos une.

Respirar profundamente.

...

Um dia você me fez um pedido, disse que gostaria de escutar de mim como foi ter passado pelo programa performativo FIGURAÇA a nível dos afetos. Como afetei e fui afetada pelo programa. O que de bom e de ruim havia me acontecido, o que de negativo e positivo eu havia sentido.

Esse pedido requer uma boa caminhada digressiva como você mesmo falou, um retorno aos caminhos percorridos e aos encontros por eles estabelecidos.

O filósofo paulista Peter Pál Pelbart em seu “Poderíamos partir de Espinosa”, nos diz, à luz de Espinosa, que:

“somos um grau de potência, definido por nosso poder de afetar e de ser afetado. Mas jamais sabemos de antemão qual é a nossa potência, de que afectos somos capazes, é sempre uma questão de experimentação. Não sabemos ainda o que pode o corpo, diz Espinosa, só o descobriremos ao longo da existência. Ao sabor dos encontros”¹. Se for

¹ PELBART, Peter Pál. *elementos para uma cartografia da grupalidade*. In: Próximos Ato: questões da teatralidade contemporânea / organização Fátima Saadi e Silvana Garcia. – São Paulo: Itaú Cultural, 2008, p. 33.

assim, se apenas ao sabor dos encontros podemos descobrir o nosso grau de potência, então vamos a eles!

Mas antes, como a caminhada é longa, te ofereço um copo d'água junto às palavras delicadas e preciosas da nossa querida Eleonora Fabião. Beber palavras para que possamos delas nos nutrir:

“E daí que buscamos o outro para encontrarmos com ele e com nós mesmos.

A busca é narcísica nas parecenças.

A busca é avassaladora no medo da perdição.

A busca é transformadora na diferença”².

Bebeu?

Quando eu elaborei o programa performativo FIGURAÇA não senti medo, nem por mim, nem por você. Não senti medo porque o encarei como uma brincadeira, uma brincadeira séria com contratos estabelecidos, um programa de ações para cumprir, mas uma brincadeira. É tanto que dei a esse programa o título FIGURAÇA para a brincadeira ficar realmente divertida.

Vou me vestir dos outros, eu disse para mim mesma enquanto caminhava do colégio Notre Dame, em que dava aula em Ipanema, até Botafogo, bairro onde eu morava. Era setembro de 2014. Vou me vestir dessas pessoas que por mim passam.

Com o meu celular vou fotografá-las sem que elas vejam, vou escolher as partes que quero de cada um, juntar essas partes, criar a composição fotográfica de um novo corpo feito de pedaços de corpos alheios e vou me vestir dessa composição durante um mês inteiro. Esse programa vai durar um ano, eu terei um mês para fazer as fotografias, montar a composição fotográfica e depois um mês para me vestir dessa composição em meu cotidiano. A cada dois meses uma nova FIGURAÇA surgirá.

² FABIÃO, Eleonora. *9 dias, 89 instantâneos*. Encarte em Encontro: Rumos Itaú Cultural Teatro 2010-2012. São Paulo: Itaú Cultural, 2013.

Vou fazer isso porque quero abalar a rigidez com que encaro a mim mesma, quero desarticular meu modo de vida pequeno burguês, quero me misturar nesses corpos do cotidiano, nesse ordinário que me pertence e experimentar ser algo diferente do que sou. Quero me perder de mim mesma, me perder inteiramente e me reencontrar quem sabe, em outros corpos, por que não?

Quero criar Figuras, Figurações feitas do acaso do encontro, feitas do que nunca gostaria de ser, feitas da mistura do meu preconceito com a minha vaidade. Figurações que me forcem a ver outra face do mundo, que me apresentem uma outra possibilidade para mim mesma. E como nem tudo é destruição, quero me colar um pouco mais aos meus anseios e ver nascer um corpo feito do múltiplo, da mistura, do borrar de fronteiras, do cruzamento das identidades.

Foi assim que fui inventando Figuração enquanto caminhava de Ipanema à Botafogo em um dia qualquer do mês de setembro de 2014.

Quando cheguei em casa te encontrei sentado no sofá e desatei a contar tudo o que eu havia inventado. Você não deu bola, encarou como uma brincadeira mal elaborada, eu não me senti mal por isso, concordava com o seu ponto de vista, a ideia parecia mesmo frágil, mas como era mais diversão que coisa séria, já que era para fazer experiência mesmo, segui com a brincadeira.

Primeiro criei o blog: performancefiguraca.blogspot.com, para ali arquivar tudo o que dizia respeito ao programa.

Depois estabeleci as etapas do trabalho:

1ª Deambulação: deambular pela cidade do Rio de Janeiro e, com o meu celular, capturar imagens de figuras do cotidiano urbano; 2ª Revelação: analisar as figuras fotografadas, escolher ao menos cinco partes do corpo de cada figura; revelar as fotografias; 3ª Composição: criar a composição fotográfica FIGURAÇÃO em folha de papel A3; 4ª Montagem: montar a composição FIGURAÇÃO em meu próprio corpo: comprar roupas, acessórios, adereços; cortar cabelo; fazer tatuagem e etc; 5ª: Convívio: conviver socialmente vestida da FIGURAÇÃO da vez durante um mês inteiro.

Nessa etapa do programa, nem eu nem você poderíamos prever a seriedade dessa brincadeira toda. Mas o rigor do programa não nos abandona nunca. Isso é muito perturbador e também muito lindo.

Começamos a caminhada.

No dia 02 de outubro de 2014 fiz a minha primeira captura.

Fotografei as mãos de um homem que eu acabara de conhecer durante uma performance na Lapa. Ele se chama Gilmar, morador de rua, pai de uma criança, viciado em cocaína. Conversamos um bom tempo em uma dessas lanchonetes de esquina e lembro de ter ficado muito impressionada pela sua história de vida e também pela sua figura: magra, estatura média, peitoral a mostra, cordão pendurado no pescoço e o que mais me chamou atenção, os anéis de prata e de brilhante que suas mãos vestiam. Vislumbrei ali uma captura. O programa FIGURAÇA tinha acabado de começar e eu já estava encantada pelas mãos do Gilmar. Pedi a ele para fotografá-las e meu pedido foi atendido. Foi desconcertante encarar aquela fotografia como a primeira captura de FIGURAÇA, pois ao vestir as mãos daquele homem, eu carregaria comigo toda a sua história, o Gilmar estaria ali ou, ao menos um pedaço dele, durante todo o tempo em que eu estaria vestida de FIGURAÇA.

E assim foi feito. Decidi que aquela seria mesmo a primeira captura, mas decidi também naquele instante, que não me envolveria pessoalmente com nenhuma figura, as capturas teriam que ser de desconhecidos, enquanto passavam por mim na rua. Me envolvendo com os sujeitos das capturas, eu poderia por exemplo, esbarrar com meus próprios preconceitos e me recusar a vesti-los. A questão era menos escolher e mais me permitir ter a atenção capturada.

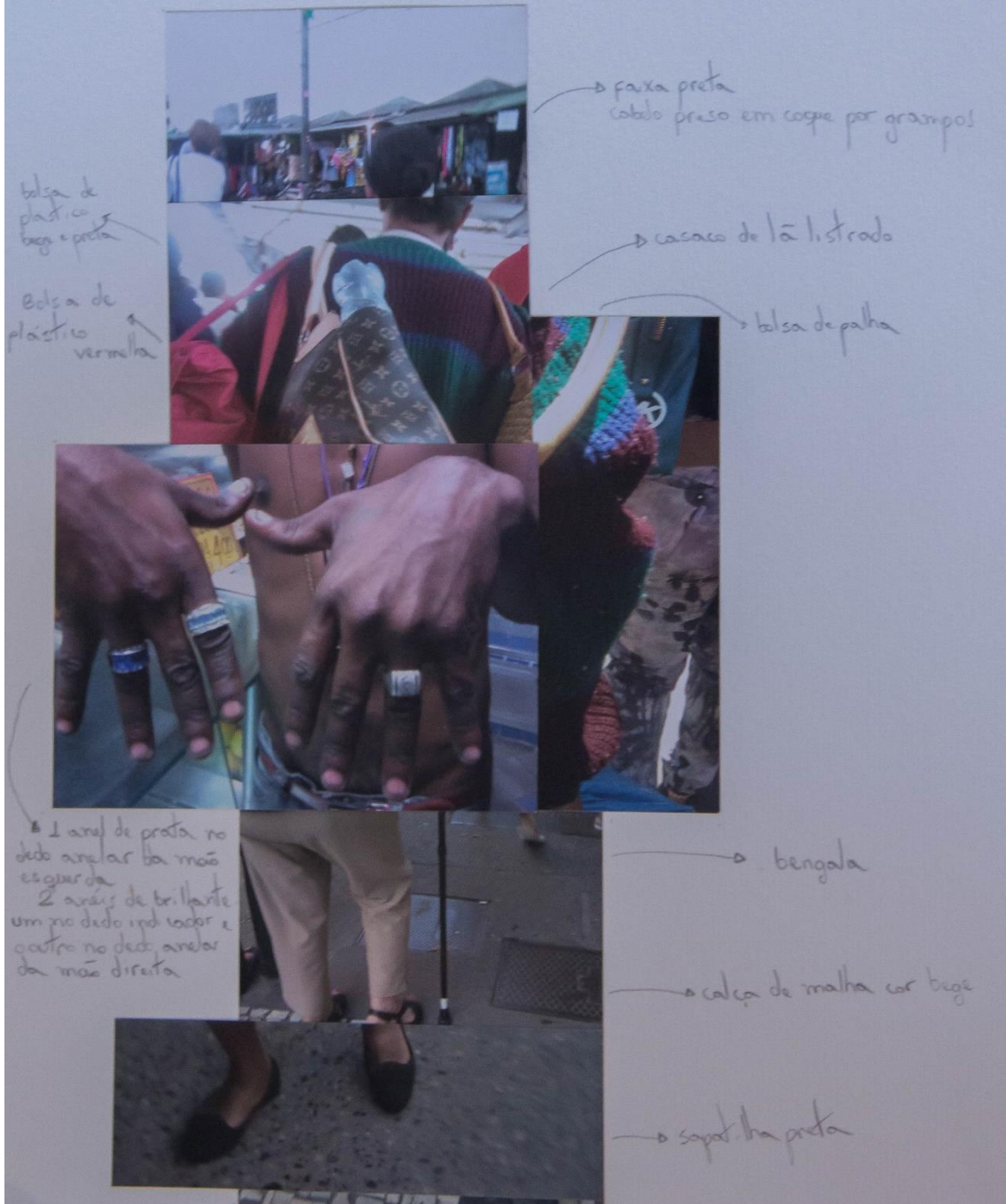
Agora que eu já tinha as mãos da FIGURAÇA #1, faltava o resto todo: cabeça, tronco, pés. Na ânsia por vestir a Figura que mais me descaracterizaria de mim mesma e que faria contraponto às mãos luxuosas do Gilmar, fui logo para o corpo do idoso, corpo este desgastado pelo tempo e que já perdeu bastante de sua forma. Na fila das barcas Niterói-Rio, me chamou atenção uma senhora que carregava várias bolsas e vestia uma

blusa de lã listrada maior que o seu número, me posicionei atrás dela e com o celular na mão, fiz a captura. Num outro dia em Copacabana capturei os pés de uma idosa que calçavam uma sapatilha preta e as pernas de uma outra que vestiam uma calça de algodão bege (dessas que parece que só as idosas vestem) e carregava consigo uma bengala. Em Botafogo, ao capturar a cabeça de uma senhora que vestia uma faixa preta com os cabelos crespos presos em coque por grampos, eu completava a composição desta que seria a primeira de uma série de seis FIGURAÇAS.

Uma observação. Persegui muitas vezes alguns corpos pelas ruas, seja por que haviam de alguma forma me atraído, seja porque haviam me causado alguma repulsa. Mas, em outras vezes, eu apenas deixei meu dedo disparar a câmera do celular e, ao apreciar as imagens capturadas por ele, eu acabava por encontrar a peça que faltava.

Escolhidas as partes de cada corpo, revelei as fotografias e fiz a montagem da composição em papel A3 gramatura 300. No Saara, comprei os anéis de brilhante, em brechós consegui a blusa de lã, calça de algodão, faixa preta para a cabeça e bengala. Durante todo o mês de novembro do ano de 2014, foi assim que eu me vesti. De FIGURAÇA #1, vivi a minha vida normalmente.

FIGURAÇA #1



Composição fotográfica FIGURAÇA #1 em folha de papel A3 gramatura 300.



Registros fotográficos FIGURAÇA #1 – novembro de 2014

Meu amor, espero que você ainda esteja aí, estamos só começando.

Assim que você me viu vestida da primeira Figuraça teve pena, disse que eu estava uma “barangona”, me viu como uma espécie de velha pobre. Eu compreendi, os tecidos das roupas que eu vestia (assim como os das fotografias) eram de segunda mão; a faixa preta na cabeça com o cabelo preso em coque me deixava bem deselegante; a bengala fazia graça, mas nenhum sentido; apenas os anéis do Gilmar eram capazes de me dar algum ar de “nobreza”, mas nada que pudesse me erguer do posto de “baranga pobretona”. Ainda que desconcertados pela diferença que a tal Figura nos apresentava, encaramos juntos a experiência que ela nos proporcionava e seguimos em eventos, encontros de amigos, em dias e noitadas adentro.

Depois de quase um mês vestida de “velha pobre” você disse algo que eu nunca vou esquecer, disse que FIGURAÇA #1 havia me deixado mais parda. Ficamos encabulados com isso. Não que em um mês a minha cor tivesse mudado, mas a maneira como eu estava vestida foi capaz de ressaltar o “escuro” da minha pele.

Em dezembro de 2014 segui para FIGURAÇA #2.

Deixa eu tomar um fôlego.

A ideia agora, como sempre seria, era capturar corpos radicalmente diferentes dos da primeira FIGURAÇA. Já era verão, o calor começava a desnudar os corpos. Percorrendo as ruas de Botafogo capturei a cabeça de um garoto que vestia um boné vermelho (tive que o seguir por vários metros até conseguir fazer a captura). Num outro dia me deparei com o tronco de uma mulher que alterou a minha frequência cardíaca, a cor negra do seu corpo reluzia junto a um short jeans curto e um top florido, não sei como eu consegui fazer a captura no momento em que ela passou por mim, minha mão tremia diante da possibilidade daquele tronco vestir o meu. Nada mais distante do tronco de uma idosa que o dessa jovem e também nada mais apropriado para o verão que essa captura.

Caminhando um pouco mais capturei o braço esquerdo de uma criança cujas unhas da mão estavam pintadas de azul e rosa. A captura era graciosa, assim como a escolha das

cores da menina. Eu já tinha o tronco de uma mulher, a cabeça de um garoto, o braço esquerdo de uma criança, desejei então um pé bem masculino para fazer contraste com o tronco muito feminino. Passando pela rua Mena Barreto capturei o sapatênis azul de um senhor. Pronto. Agora só faltava o braço direito que deixei para o dia seguinte.

Um adendo.

Você já havia cantado a bola que nesse jogo de capturas eu acabaria por fotografar corpos com tatuagens, sobretudo os braços, e depositou em mim a questão: “e aí? Você se tatuaria?” Lembra disso? E eu me perguntei em seguida: será? Seria eu capaz de modificar a minha pele de forma permanente? É fato que eu acabaria por me deparar com tatuagens, talvez piercings e afins, mas era um feito por demais sério (esse de marcar definitivamente a pele) para o que se destinava ser apenas brincadeira. Ao mesmo tempo, a tatuagem marcaria de forma definitiva o jogo ao qual me destinava. A questão colocada por você era pertinente e eu permaneci alguns dias refletindo sobre ela. O jogo começava a querer caminhar com pernas próprias, questões começavam a surgir sem que eu as intencionasse. Se o que eu buscava era transformação, então que eu me disponibilizasse ao máximo para isso. Se a ideia era brincar, então que eu brincasse direito e jogasse, ciente das regras, mas sem antecipar o caminho.

Num belo dia de dezembro.

Fazendo capturas em Copacabana, tentando encontrar o braço direito que faltava para completar a FIGURAÇA #2, passei por uma senhora que me chamou atenção. Ela usava um longo vestido florido e exibia no braço uma composição muito particular de pulseiras de variadas cores e no antebraço uma tatuagem símbolo do infinito. E qual era esse braço? O direito! Aquela imagem me fisionou no instante em que a vi, mas eu não havia conseguido fazer a sua captura. Pensei: vou voltar, passar novamente pela senhora (ela estava parada na calçada conversando com alguém) e tentar fazer a captura, se eu conseguir a foto, se na imagem capturada a tatuagem estiver nítida, então assim será, eu vou me vestir desse braço, vou fazer a tatuagem.

E o que aconteceu você já sabe, a captura ficou perfeita. FIGURAÇA #2 estava completa.

A partir daí as coisas começaram a ficar de fato sérias. FIGURAÇA #2 alterou minha pele, meu cabelo, minhas unhas e mexeu com minhas memórias.

Você já deve conhecer essa história: para vestir a captura da cabeça do garoto de boné vermelho, tive que cortar os meus cabelos bem curtos, curtos do tipo “menino” como há 21 anos eu não fazia. Só tive cabelos assim aos 10 anos de idade. Lembro claramente do dia em que pedi para minha mãe me levar ao cabeleireiro porque eu queria cortar os cabelos bem curtos, ela não fez objeção, mas já no cabeleireiro lembro do receio dela de que ficassem curtos demais e deixou que cortassem o meu cabelo, mas não tão curtos quanto eu gostaria. Eu nunca entendi o porquê disso, mas hoje sei que o seu receio era de que eu acabasse parecendo um menino. (Naquela época eu nem sabia o que era preconceito, moralismo ou coisas do tipo e vivia feliz exibindo meus cabelos por onde eu ia, a inocência me protegia.)

Pintei as unhas de rosa e azul. No Saara, comprei o shortinho e o top, em Botafogo o boné vermelho e o sapatênis. Fiz a tatuagem com o artista e amigo Filipe Espíndola (que viria a se tornar um fiel parceiro de FIGURAÇA) e, vestida da composição de FIGURAÇA #2, assim vivi todo o mês de janeiro de 2015.

FIGURAÇA #2

▷ boné vermelho e cabelo curto

tatuagem
símbolo do infinito

▷ short jeans
preto cintura
alta
top florido

pulseiras
diversas

▷ unhas
coloridas
(rosa e azul)

▷ sapatênis azul



Composição fotográfica FIGURAÇA #2 em folha de papel A3 gramatura 300



Registros fotográficos FIGURAÇÃO #2 – janeiro de 2015

Vivi não, vivemos. E não só vivemos como padecemos juntos envoltos nas questões sérias que FIGURAÇA #2 abriu em nós.

“Olha só isso”, você me disse. “Estou caminhando de mãos dadas com você e os homens não me respeitam”. “Como assim?” eu perguntei e você continuou: “existe uma espécie de acordo entre os homens que é não olhar para a mulher quando ela está de mãos dadas com um cara, mas com você vestida de FIGURAÇA #2 eles não respeitam nem a você, nem a mim, olham mesmo, descaradamente. É como se você vestida assim não se desse o respeito, então os caras decidem que não vão respeitar a mim também, é a primeira vez que eu vivo isso”.

Caceta.

Vestida de FIGURAÇA #2 passei por algumas situações constrangedoras por conta de preconceito de classe e machismo que talvez você nem saiba. No consultório de uma ginecologista no Jardim Botânico, fui destratada de tal forma que não consegui voltar para pegar o exame. Eu realmente destoava das figuras que frequentavam aquele consultório, todas muito melhor vestidas e comportadas do que eu. Um dia no metrô um cara ficou me olhando de cima em baixo de um jeito que eu nunca tinha sentido antes e não era só um olhar de desejo que invade e assedia, tinha ali uma violência, uma espécie de desejo misturado com raiva e asco que eu só consegui compreender quando em um encontro na casa do Jorge, o meu orientador, escutei uma garota feminista falar de estupro corretivo, você já ouviu falar disso? É quando homens violentam lésbicas para “curá-las” de sua homossexualidade. Quando escutei isso não tive dúvidas de que aquele dia no metrô eu havia recebido um olhar corretivo. E depois desse vieram muitos outros.

Em FIGURAÇA #2, a mistura do feminino com o masculino fez surgir identidades do tipo “piriguete sapatona”, como disseram alguns amigos. “Piriguete” por conta do tronco que expunha o corpo e sapatona por conta do boné e do sapatênis. As roupas curtas somadas ao caráter popular da vestimenta formavam os ingredientes ideais para o esculacho e o desrespeito ao meu corpo. FIGURAÇA #2 me fez compreender que na sociedade machista e preconceituosa em que vivemos, a elegância ajuda muito a impor respeito, e compreendi também que é muito difícil (quase impossível) adquirir

elegância e respeito usando roupas curtas e, sobretudo, compradas em mercados populares.

Apesar dos buracos que FIGURAÇA #2 abriu, conseguimos nos divertir algumas vezes, não foi? Como quando comemoramos nossos três anos de namoro no bar do Luís no centro da cidade e achamos graça dos homens que nos olhavam como se você tivesse levado uma garota de programa para beber e comer com você. FIGURAÇA #2 teve graça sim, apesar de tudo, mas confesso que senti um grande alívio quando já era hora de partir para FIGURAÇA #3.

Quer abrir uma cerveja?

Fevereiro de 2015.

Começaram as capturas de FIGURAÇA #3. Eu estava trabalhando em Caxambi, no Norte Shopping, fazendo pesquisa sobre filmes, você se lembra? Decidi que a composição de FIGURAÇA #3 seria feita toda ali, na zona norte, uma zona da cidade que eu pouco frequentava. Nos intervalos do trabalho eu sacava meu celular e passava a disparar cliques.

Como fazer para que FIGURAÇA #3 seja radicalmente diferente de FIGURAÇA #2? Eis a questão que a performance me colocava sempre que eu precisava mudar de Figura. Era uma diferença para o fora, que me veria vestida, mas também para o dentro, para mim, e para você, junto ao meu lado.

Meses antes do início da captura da terceira Figuraça, eu havia estudado as performances da guatemalteca Regina José Galindo. Em uma delas, intitulada “Angelina”, Galindo se veste de doméstica e assim vive a vida durante um mês. Influenciada pela performer capturei o tronco de uma mulher que trabalhava em um café e vestia um avental por cima de uma calça social e blusa das cores preta, mas, ao contrário de Galindo que queria performar a identidade “doméstica”, eu queria tornar possível a mistura das identidades, misturar doméstica com madame, serviçal com

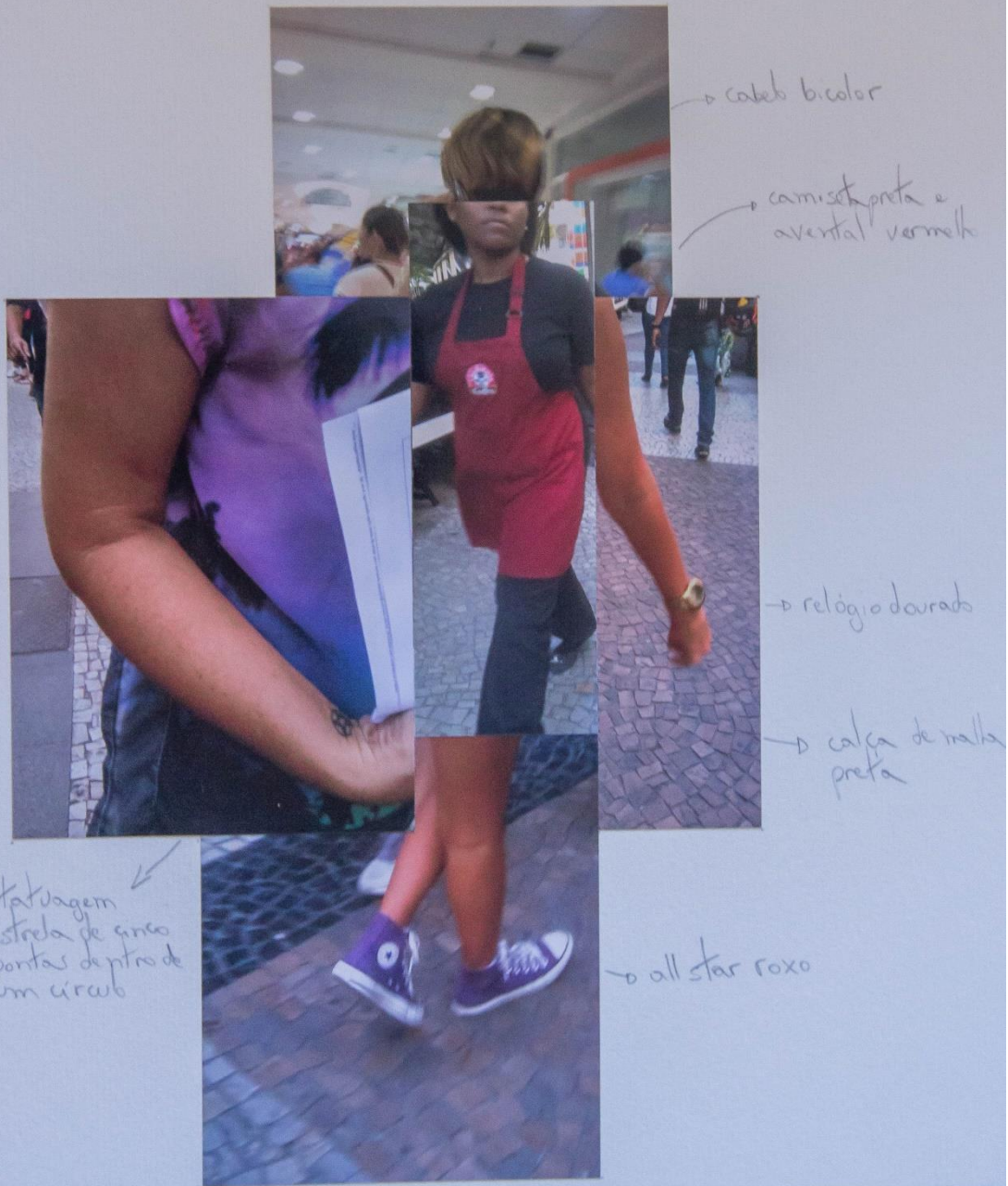
empresária, garçonete com estudante. Não consegui capturar imagens nem de madame nem de empresária no Norte Shopping, mas capturei o braço esquerdo de uma mulher que vestia um vistoso relógio dourado, depois encontrei os pés de uma criança vestidos por um All Star roxo e a cabeça de uma garota que exibia grossas mechas loiras no cabelo, e, em um desses momentos em que passo a disparar cliques sem critério, apareceu sem querer a segunda tatuagem de FIGURAÇA, um simpático pentagrama, símbolo das bruxas, no punho direito de uma mulher.

A composição de FIGURAÇA #3 estava pronta para ganhar o meu corpo. Fiz mais uma tatuagem com o Filipe, comprei calça, blusa, avental. Consegui o relógio dourado e também o All Star e, por último, descolori parte do cabelo. Durante todo o mês de março estive assim vestida em meu cotidiano.

Ao contrário do que eu imaginara, nada foi capaz de desestabilizar o elemento avental que me colava de forma irrevogável à identidade da serviçal. Experimentei com FIGURAÇA #3 dois afetos distintos: a indiferença e a estranheza. Estranheza quando era vista sentada em cafés e livrarias, cinemas e bares, lugares onde eu era servida ao invés de servir, e a indiferença por parte da sociedade de consumo que não me via como um de seus membros. Em restaurantes não me convidavam para sentar, em lojas dispensavam a minha presença. Já não via a hora de partir para FIGURAÇA #4.

Meu amor, eu falo sério, abriu a cerveja?

FIGURAÇA #3



Composição fotográfica FIGURAÇA #3 em folha de papel A3 gramatura 300



Registros fotográficos FIGURAÇA #3 – março de 2015

Abril de 2015.

Estávamos no bar do Pontes na Mena Barreto eu, você e Gunnar. Conversávamos sobre FIGURAÇA e sobre qual seriam as capturas da vez quando o Gunnar me colocou uma questão: “porque você até agora não capturou um tronco masculino?” Pimba! Era chegada a hora de vestir roupas masculinas.

Decidi que todas as capturas de FIGURAÇA #4 seriam feitas em Ipanema, nesta parte nobre da cidade (em contraponto ao local de captura da FIGURAÇA anterior), pensei que ali, em Ipanema, eu encontraria troncos vestidos em roupas mais caras, mas me encantei pelo tronco de um homem vestido tipo porteiro com calça de algodão azul e camisa de botão azul clara. Feita a captura, saí à procura de pedaços que pudessem quebrar a unidade deste tronco bem masculino. Capturei uma sandália de brilhante que vestiam os pés de uma mulher, o relógio dourado no braço de outra, um anel também dourado no dedo direito do rapaz e a cabeça de uma mulher vestindo bonitos óculos escuros.

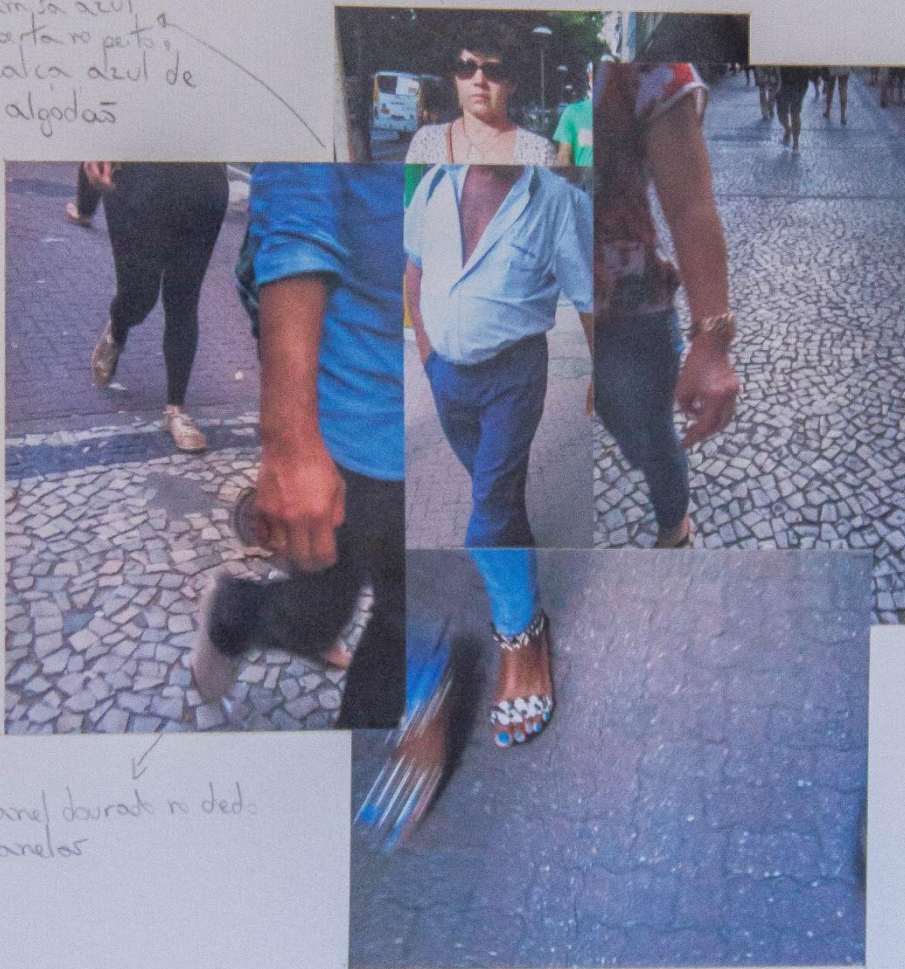
Outra observação: para fazer as capturas eu precisava que os corpos passassem próximos ao meu. Em Ipanema foi muito difícil fazer as capturas, pois as calçadas do bairro são muito largas o que acaba fazendo com que as pessoas caminhem muito distantes umas das outras.

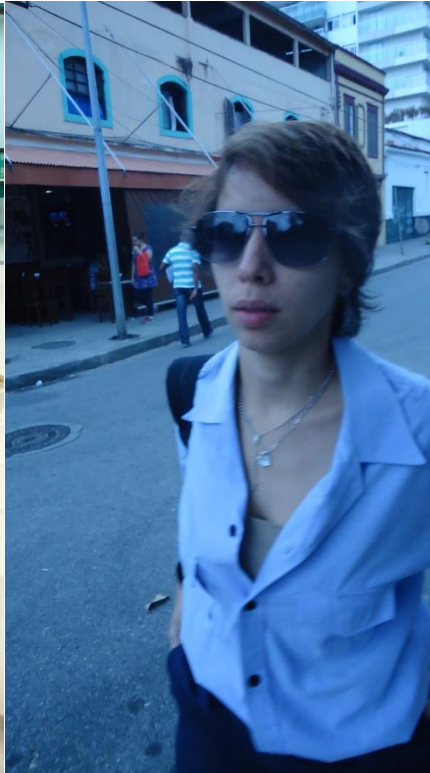
Meu amor, escuta: em FIGURAÇA #4 se firmou uma composição que mudou radicalmente a forma do meu corpo feminino e a maneira como eu estava acostumada a ser vista e encarada em meu corpo mulher. Você sabe disso, não sabe? Mas talvez não saiba o que irei dizer a seguir: durante todo o mês em que estive vestida de FIGURAÇA #4 não recebi cantadas de nenhum tipo, nem olhares indecentes ou desejosos, apenas curiosos ou dispersos. Meu corpo de mulher experimentou pela primeira vez um longo suspiro de alívio por durante aquele mês não ter sofrido com a opressão do machismo, nem do preconceito ou do conservadorismo.

FIGURAÇA #4

camisa azul
aberta no peito,
calça azul de
algodão

cabelo tipo "tia", óculos escuros, brincol e
colares





Registros fotográficos FIGURAÇÃO #4 – maio de 2015

Em FIGURAÇA #4, eu experimentava a libertação da imagem normatizada da mulher que sempre me vestiu e comecei a ver outras possibilidades para o meu corpo como, por exemplo, deixar seus pelos crescerem (coisa a que você sempre me incentivou, eu sei, mas que só tive coragem de encarar quando dentro do programa FIGURAÇA). Ao partir para FIGURAÇA #5 quis manter a captura de um tronco masculino, quis continuar produzindo a estranheza de perder a forma do meu corpo ao ganhar outras formas e, assim, seguir experimentando aquela sensação de alívio.

Junho de 2015.

Elegi o Centro da cidade para fazer as capturas. Buscando troncos mais dotados de poder econômico, tipo o de um empresário, capturei algumas imagens, mas não resisti à elegância que avistei num senhor com calça social e camisa de botão. Me lembrou o meu avô...

À elegância do seu tronco, juntei a elegante cabeça de uma senhora e, para fazer contraste a essa pomposidade toda, capturei uma tatuagem de caráter popular “eu e você” inscrita no braço esquerdo de uma manicure. Juntei a estes elementos as unhas vermelhas de uma mulher com o também vermelho sapato de outra e assim estava pronta a composição FIGURAÇA #5. Durante todo o mês de julho estive vestida desta composição.

FIGURAÇA #5



Composição fotográfica FIGURAÇA #5 em folha de papel A3 gramatura 300



Registros fotográficos FIGURAÇA #5 – julho de 2015

E foi quando eu experimentei a estranha sensação de ter perdido o meu corpo.

Vestida de FIGURAÇA #5 eu novamente me via livre da opressão do machismo e do conservadorismo, mas perdia também o contato com o meu próprio corpo, eu perdia a alegria de ter um corpo. É, foi isso, foi bem isso, meu amor, eu perdia a alegria de ter um corpo.

FIGURAÇA #5 me colocou diante da necessidade que a cada dia se fazia mais forte: a de afirmar o meu corpo ao invés de negá-lo, de assumi-lo ao invés de reprimi-lo. Depois de tantas mudanças em minha imagem e em meu corpo, eu sentia que era preciso entrar em contato novamente com seus contornos, suas curvas, sua forma, enfim, eu precisava entrar em contato novamente com a sua Figura. Decidi então que a composição de FIGURAÇA #6 revelaria a singularidade do meu corpo e daria a ver um outro tipo de mulher que em mim agora nascia, com cabelos curtos na cabeça e pelos crescidos nas axilas.

Como diz Pelbart, só ao sabor dos encontros aprendemos o que ira compor ou decompor o nosso corpo. O que irá aumentar ou diminuir a sua potência. Você vai gostar de ler isso aqui:

“Só através dos encontros aprendemos a selecionar o que convém com o nosso corpo, o que não convém, o que com ele se compõe, o que tende a decompô-lo, o que aumenta a sua força de existir, o que a diminui, o que aumenta sua potência de agir, o que a diminui. Um bom encontro é aquele pelo qual meu corpo se compõe com aquilo que lhe convém, um encontro pelo qual aumenta sua força de existir, sua potência de agir, sua alegria. Vamos aprendendo a selecionar nossos encontros, e a compor, é uma grande arte, essa da composição”³.

Após tantos encontros e desencontros, após tantas composições feitas de corpos alheios em meu corpo que ora diminuía, ora aumentavam sua força de existir, desejei, ao partir para FIGURAÇA #6, criar uma composição que produzisse um bom encontro

³ PELBART, Peter Pál. *elementos para uma cartografia da grupalidade*. In: Próximo Ato: questões da teatralidade contemporânea / organização Fátima Saadi e Silvana Garcia. – São Paulo: Itaú Cultural, 2008, p. 33.

entre os corpos dos outros e o meu, composição que vestisse meu corpo de alegria justamente por expô-lo, assumi-lo, por afirma-lo.

Decidi retomar a operação de mistura do feminino com o masculino que FIGURAÇA #2 me apresentou. Muito marcada pelo caminho das experiências de cada FIGURAÇA, senti que era o momento de encarar novamente as feridas que o machismo e o conservadorismo inscreveram em meu corpo. Eu acreditava, por tanto me perder e me encontrar nos outros, que, de alguma forma, alguma habilidade eu teria adquirido para lidar com tais feridas.

Perguntei a você, Andrêas, qual seria a vestimenta mais feminina possível e você me apontou para os troncos femininos usando longos vestidos. A esse elemento notadamente feminino eu juntaria outros tantos masculinos e comporia em meu corpo uma imagem outra de mulher, capaz de afirmar o seu corpo sem compactuar com os padrões normatizadores e opressores do feminino.

Se preciso for meu amor, tome um fôlego, esqueça a cerveja, volte para a água, estamos quase no fim da nossa caminhada.

Agosto de 2015.

Enquanto caminhava por Botafogo capturei o tronco de uma mulher que vestia um longo e vistoso vestido azul e também o braço direito do senhor da barraca de doces que vestia uma pulseira prateada de argolas grossas. No Centro, capturei a cabeça de um garoto que exibia um corte bem masculino e os pés de um homem que vestiam sapato social também masculino. Na praia da Barra da Tijuca (enquanto você conversava na areia com a Bruna e o Rafael), eu completava a composição FIGURAÇA #6 ao capturar o braço esquerdo de um surfista que vestia uma tatuagem de inspiração Maori exclusiva para vestir corpos masculinos.

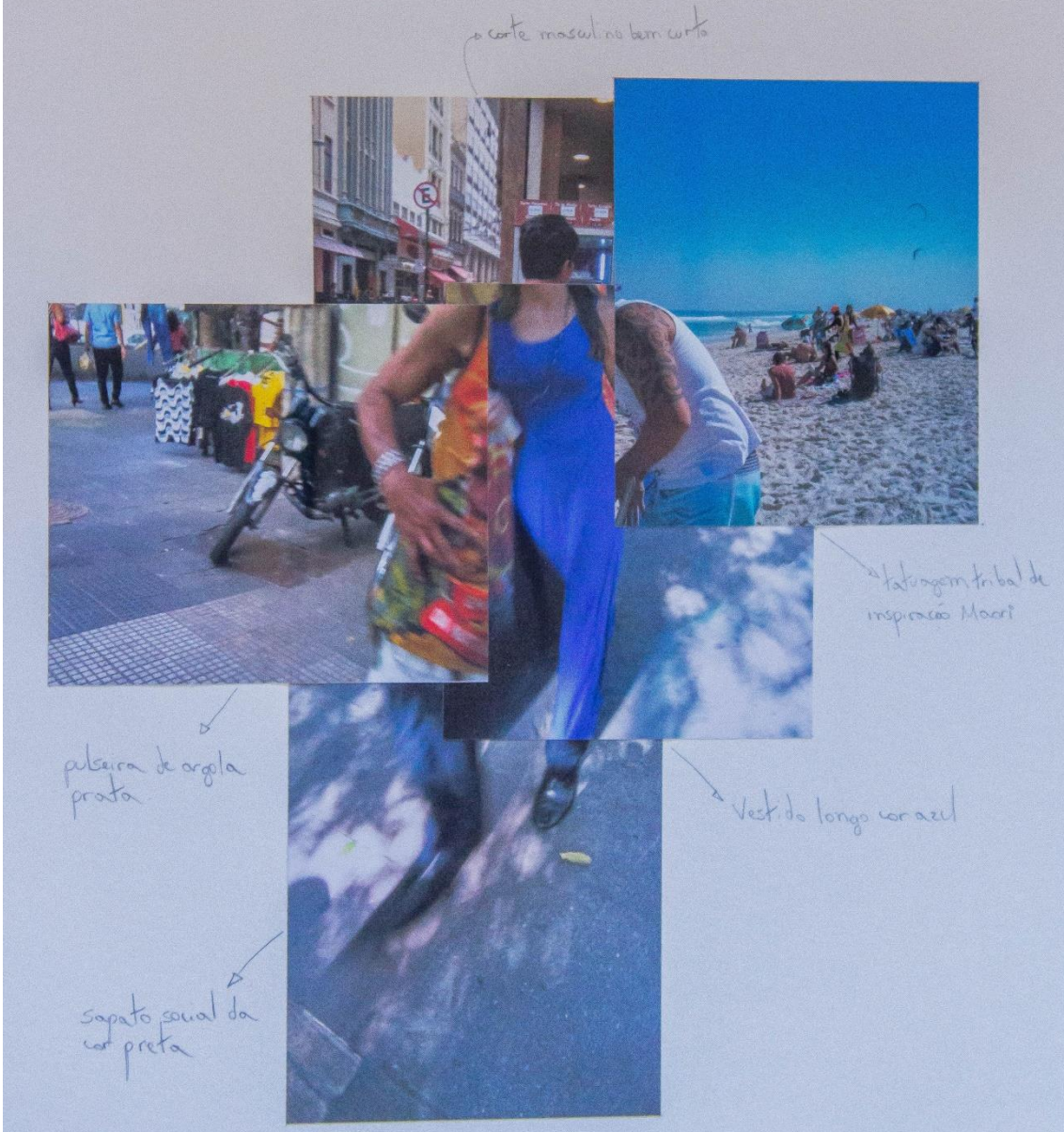
Agora era só vesti-la.

Para me vestir da cabeça do garoto fui cortar o cabelo em um salão em Ipanema chamado Red Salon Homens, mas não me aceitaram lá, disseram que não poderiam

cortar cabelo de mulher, tive que insistir e até falei sobre FIGURAÇA, eles então ligaram para o gerente que permitiu que cortassem meu cabelo somente no andar de cima onde clientes e passantes não poderiam me ver. Em loja masculina, comprei o sapato social masculino, em loja feminina o vestido longo azul, a pulseira de argolas largas comprei de um camelô e fiz com o Filipe a última de uma série de quatro tatuagens que FIGURAÇA inscreveu em minha pele.

Durante todo o mês de setembro de 2015 estive de FIGURAÇA #6 vestida e foi quando pude experimentar a alegria de ter um corpo, corpo que se afirmava, se assumia, se posicionava ao jogar com os códigos sociais e com os processos normatizadores do corpo. Era a alegria de ter encontrado meu corpo nos corpos outros que FIGURAÇA me apresentara.

FIGURAÇA #6



Composição fotográfica FIGURAÇA #6 em folha de papel A3 gramatura 300



Registros fotográficos FIGURAÇA #6 – setembro de 2015

FIGURAÇA foi uma grande surpresa para nós dois, não foi? Passamos alguns sustos nestas mudanças da Figura do meu corpo. Quando eu não me achava, foi você a me dar contorno, quando eu me encontrei por acaso em corpos alheios foi uma grande alegria para nós dois, quando eu me perdi feita dos outros, você também me perdeu de você. Tivemos que nos olhar de novo e de novo e de novo e tantas vezes que a única forma de nos encontrarmos, de nos assegurarmos de nós, era quando de olhos fechados, no amor, em ato, víamos não por meio de imagens nem de Figuras ou olhos, mas via temperatura, textura, cheiro, abraço.

No dia 21 de dezembro de 2015, alguns meses após o fim do programa, você me escreveu numa troca de e-mails que FIGURAÇA chegou a você como um convite: “um convite para que eu criasse meu próprio enunciado, a que eu compusesse minha própria vestimenta, e que eu pudesse ter sempre a meu lado seu caminho, mas que estivesse a encontrar o meu caminho”.

Longo suspiro.

Depois destas suas palavras, o que dizer? Me resta torcer para que nossos caminhos ainda que distintos, ainda que percorrendo diferentes estradas e traçando diferentes rumos, continuem se cruzando.

Referências Bibliográficas

FABIÃO, Eleonora. *9 dias, 89 instantâneos*. Encarte em Encontro: Rumos Itaú Cultural Teatro 2010-2012. São Paulo: Itaú Cultural, 2013.

PELBART, Peter Pál. *Elementos para uma cartografia da grupalidade*. In: Próximo Ato: questões da teatralidade contemporânea / organização Fátima Saadi e Silvana Garcia. – São Paulo: Itaú Cultural, 2008.